



Formalidade e informalidade na linguagem do gênero *Chat: o uso de emoticons*

Aline Rodrigues Malta

(UFPE)

Resumo

Esta pesquisa visa identificar quais aspectos da informalidade estão presentes no uso de *emoticons* no *chat* virtual do Facebook, bem como o lugar destes no processo educativo. A partir de análises dos *emoticons*, se fez um estudo sobre o papel desses elementos paralinguísticos como expressões que carregam traços de informalidade, sendo substitutos de expressões, jargões, gírias, sentimentos, ideias e palavras em geral. Para isso, fez-se um resgate das definições de gêneros textuais de Marcuschi e Xavier (2004), desmitificado os conceitos de formalidade e informalidade de Bagno (2007) e as considerações a respeito da importância das tecnologias na modernidade, Lévy (2012). Por fim, foram feitas análises dos *emoticons* presentes no *chat* do Facebook, repensando uma nova forma de se ensinar língua portuguesa.

Palavras-chave: Facebook, Variações Linguísticas, Emoticons.

Abstract

This research aims to identify which aspects of informality are present in emoticons use the virtual Facebook chat , and the place of these in the educational process . From analyzes of emoticons, we did a study on the role of these elements paralinguísticos as expressions that carry informality traits , and substitute expressions , jargon , slang , feelings , ideas and words in general. For this , there was a ransom of genres settings Marcuschi and Xavier (2004) , demystified the formality of concepts and informality of Bagno (2007) and the considerations about the importance of technology in modernity, Lévy (2012) . Finally, analyzes were made of the present emoticons in Facebook chat , rethinking a new way to teach Portuguese.

Keys-words: Facebook, Linguistic Variations, Emoticons.



Introdução

Vivemos em um mundo onde a informação e as tecnologias têm um papel fundamental no nosso dia a dia, e o domínio dessas tecnologias vem se tornando algo cada vez mais comum entre os mais jovens, com o uso de celulares, televisão, computadores, internet, vídeo *games* entre outras mídias.

Em contrapartida, a educação em geral tem utilizado de métodos nada atuais, deixando um grande abismo entre a construção da informação e a absorção da mesma, causando assim uma grande falta de interesse dos alunos e, conseqüentemente, baixa aprendizagem dos conteúdos apresentados.

Com o surgimento de novas tecnologias, a comunicação se tornou mais prática e rápida. Com isso, as pessoas, mediante essa vida sem “perda de tempo”, levam essa linguagem curta e direta para seus diálogos em situações informais. Quanto a isso, não há problema, pois o importante é haver comunicação. Mas, até que ponto a linguagem informal pode ser utilizada em seu cotidiano? Por isso, procuramos, por meio deste trabalho, fazer alguns esclarecimentos entre a linguagem formal e informal no gênero *chat*, levando essas concepções para a sala de aula. Este gênero mistura elementos da oralidade e da escrita. Mesmo usando elementos da escrita, o *chat* não obedece necessariamente às normas da língua escrita ou falada.

O desafio maior, ainda hoje, é conseguir esse entrelace entre o conteúdo e a realidade do aluno, para que haja um equilíbrio, no qual este aluno possa aprimorar seus conhecimentos em determinado assunto ao identificar um conteúdo em meio virtual – onde há uma grande ocorrência do uso coloquial da linguagem. Logo, qual seria o papel dos *emoticons* no *chat do Facebook* na construção da aprendizagem sobre a formalidade e informalidade da língua portuguesa?



O uso de *chats* na educação ainda é uma experiência nova, mas já mostra potencialidades visíveis. Uma educação permeada pelo uso de *chats*, como ferramenta auxiliadora da aprendizagem, pode trazer mudanças aos mecanismos educacionais e beneficiará os alunos da instituição que acolher essa ferramenta, bem como o professor, ao ajudar no processo interativo entre professor e aluno.

A importância prática/teórica para tal pesquisa se dá pela necessidade de inserção na prática pedagógica das inúmeras possibilidades de uso de tecnologias, tornando as aulas mais prazerosas e proporcionando significativa aprendizagem para o corpo discente, a fim de dar um novo rumo às práticas educativas, saindo do tradicionalismo que ainda persiste em sala de aula. A proposta dos *chats* como ferramenta educativa é apresentar o conteúdo aos estudantes por meio de ambientes virtuais que tragam maior aproximação do seu cotidiano e que despertem seu interesse.

A proposta desta pesquisa é identificar quais aspectos da informalidade estão presentes no uso de *emoticons* no *chat* virtual do Facebook, bem como o lugar destes no processo educativo da seguinte forma: fazer uma análise teórica sobre a formalidade e informalidade da língua portuguesa, reconhecendo a adequabilidade e aceitabilidade em seu uso, devidamente; analisar o conceito do gênero *chat*, ressaltando os seus aspectos intrínsecos; identificar os aspectos da formalidade e informalidade dos *emoticons* disponíveis no *chat* do Facebook; reconhecer quais os aspectos que contribuem para a informalidade no meio virtual ao usar o chat do Facebook.

A pesquisa consiste em uma análise teórica e, a partir de análises das imagens que são disponibilizadas no *chat* do Facebook - tais imagens são conhecidas como *emoticons* -, será feito um estudo sobre o papel dos *emoticons* como expressões que carregam traços de informalidade, sendo substitutos de expressões, jargões, gírias, sentimentos, ideias e palavras em geral.



Inicialmente, nesta pesquisa, serão apresentadas definições de gêneros textuais, fundamentadas nas teorias de Marcuschi e Xavier (2004). Em seguida serão desmitificados os conceitos de formalidade e informalidade, bem como seu adequado uso, com as teorias de Bagno (2007). Serão feitas considerações a respeito da importância das tecnologias na modernidade, como ponto importante para a comunicação e interação. Para tal consideração, serão utilizadas as teorias de Lévy (2012). Por fim, serão feitas análises dos *emoticons* presentes no *chat* do Facebook para repensar uma nova forma de se ensinar língua portuguesa, levando em consideração as variações linguísticas.

1. Gêneros textuais: alguns fundamentos

O surgimento dos gêneros se deu através dos povos de cultura que se comunicavam apenas pela oralidade. A partir disso, houve desenvolvimento na forma de se comunicar. Cada mudança dava um novo desenvolvimento seguindo de mais novas mudanças. Hoje, não diferentemente, ocorrem mudanças, mais intensamente com os novos meios de comunicação, interferindo na oralidade e na escrita, como ocorre com as redes sociais. Neste capítulo, foca-se o aspecto dos gêneros textuais ao fazer definições e considerações em relação ao lugar do *chat* quanto gênero.

1.1 Definição de gêneros textuais

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social, nos quais se caracterizam por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais além de suas peculiaridades linguísticas e estruturais.

São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas,



sociais, institucionais e técnicas. São entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas.

São formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. Exemplos: telefonema, sermão, carta pessoal, carta comercial, resenha, cardápio de restaurante, bate-papo no computador. O gênero é a maneira como são empregados esses tipos de discurso na comunicação cotidiana.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

Embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, isso não quer dizer que se desprezem as formas. Em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em tantos outros serão as funções. Em outros casos ainda, será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero, como ocorrem com os gêneros digitais.

1.2 Gêneros digitais

A linguagem tem um papel importante na evolução da tecnologia, causa de uma tendência da natureza humana para se comunicar com o outro por meio de diferentes signos e de variadas formas. À linguagem, cabe a função de coordenar os processos neurais responsáveis pelo raciocínio, memória e imaginação, bem como afirma Xavier (2011, p. 32) “a linguagem gerencia a racionalidade, condição essencial à evolução tecnológica da humanidade.”.

Como consequência da agilidade das conversações em meios digitais, as práticas de linguagem começam a sofrer transformações na comunicação, principalmente no que se refere aos e-gêneros ou gêneros digitais. Tornou comum o uso de e-mails, chats, blogs,



microblogs, fóruns de discussão, entre outros. Popularizou-se o uso desses meios, tornando-se cada vez mais conhecidos pelos internautas ou cibernautas. Os usuários da internet rapidamente se adaptam às convenções desses novos modelos e buscam aperfeiçoar estratégias comunicativas. Com essa necessidade de novos espaços comunicativos, surge o ciberespaço, que, segundo Levy (2012), significa:

(...) o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LEVY, 2012, p. 94).

No ciberespaço, as redes sociais ocupam um significativo espaço na internet, dividindo-se em categorias de acordo com os interesses dos internautas. Existem redes profissionais, políticas, comunitárias, de relacionamento, esta última tem a propriedade de abranger um público mais diversificado, já que o usuário desta rede por ter preferências e perfis diferentes, o que não ocorre com as redes mais restritas, como as profissionais ou políticas. As redes de relacionamento mais populares atualmente são *Facebook* e *Twitter*, além dos aplicativos para *smartphones* *Whatsapp* e *Instagram*, que também são meios de comunicação interligando vários amigos conectando-se à internet.

Com isso, todo esse avanço nas comunicações fez surgir a mais conhecida rede social *Facebook*, um site e serviço de rede social - em outubro de 2012 o *Facebook* atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos.

Diversos recursos podem ser utilizados pelo usuário do *Facebook*, sendo alguns considerados gêneros: mural; botão "Curtir"; *Marketplace*; "cutucar" / toque; *status*; eventos; aplicativos; *chat* e etc. Neste trabalho, um gênero digital será priorizado: *Chat*.



1.3 O gênero *chat*: algumas considerações

A origem da palavra *chat* vem de “*Chatter*”, inglês, significando conversa rápida e fiada. Daí fazer “*chat*” ou “*chatting*”, ou seja, conversar na Internet via texto em tempo real. Ao navegar pela Internet, facilmente percebe-se o número crescente de salas de Bate-papo, *WebChats* ou simplesmente *Chats* disponíveis (e alguns que já estão indisponíveis) aos internautas: *Internet Relay Chat* (IRC); *AOL Instant Messenger* (AIM); *Chatroulette*; *Gadu-Gadu*; *Google Talk*; *Grunhido*; *ICQ* (OSCAR); *Jabber* (XMPP); *MUD*; *Pichat*; *SILC*; *Skype*; *TeamSpeak* (TS); *Wikia*; *Windows Live Messenger*(MSN) *Yahoo! Messenger*; *Terrachat* (JAVA/FLASH); *XAT* (WWW.XAT.COM); *LINE*; *Facebook Messenger*.

Assim, se expressa o Dicionário Aurélio Século XXI em sua versão eletrônica em relação ao verbete já incorporado à língua portuguesa: “**Chat** - *Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversa, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual.*”

De acordo com Marcuschi (2004, p.28), existem vários tipos de *chats* e os principais são: *Chats* em aberto, *Chat* reservado, *Chat* agendado e *Chat* privado. Os *chats* se assemelham com os diálogos cotidianos, em momentos de informalidade, conversações orais espontâneas, mostrando traços de oralidade. Ao fazer isso, há uma simulação das interações face a face. Nesse sentido, os *chats* podem ser compreendidos como transmutações de conversas espontâneas, muito frequentes na oralidade e agora representadas nas mídias digitais.

A linguagem utilizada nos *chats* transforma as relações entre fala e escrita, na medida em que há a necessidade de estabelecer a comunicação de modo bastante rápido e dinâmico, simulando as trocas comunicativas na interação face a face. Desse modo, expressões surgem abreviadas ao máximo, devido à economia verbal



que tende a estreitar as relações entre fala e escrita, contribuindo para acentuar, também, o grau de informalidade nesse tipo de interação (SILVA, 2011, p.133).

Pode-se perceber cotidianamente que a escrita dos bate-papos tende a ser mais abreviada, como ocorre com os *emoticons*. Essas abreviaturas são momentâneas. Mas outras se firmam e começam a ser reconhecidas como próprio do meio. Isso justifica a utilização de *emoticons* que trazem um significado importante naquele momento, mas futuramente pode não representar mais a mesma coisa, sendo facilmente substituídos por outros que remetem ao momento cultural vivido pela comunidade virtual, sendo esta sempre um reflexo da sociedade do “mundo real”. Logo, essa dinamicidade da linguagem verbal escrita virtual tem contribuído, muito, para a formação de novas variedades comunicativas.

2. Formalidade e Informalidade

A linguagem é a característica que nos difere dos demais seres, permitindo-nos a oportunidade de expressar sentimentos, revelar conhecimentos, expor nossa opinião frente aos assuntos relacionados ao nosso cotidiano, e, sobretudo, promovendo nossa inserção ao convívio social. E dentre os fatores que a ela se relacionam destacam-se os níveis da fala, são basicamente dois: O nível de formalidade e o de informalidade.

Como já foi mencionado no capítulo anterior, a dinamicidade da linguagem escrita, em meios virtuais, fez, e faz, contribuições na língua, tornando-a mais diversificada. Logo, neste capítulo, serão feitas as definições de formalidade e informalidade na língua portuguesa, além de destacar a frequente informalidade no gênero digital *chat*, sendo este o foco neste capítulo.



2.1 Variações linguísticas: formalidade e informalidade

Compondo o quadro do padrão informal da linguagem, estão as chamadas variedades linguísticas, as quais representam as variações de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada. Segundo Bagno (2007), é certo que “[...] no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade”. Assim sendo, constatam-se algumas elucidações e casos representativos de tais variações. Entre elas, destacamos: variações diafásicas, variações diatópicas e variações diastráticas.

A linguagem informal é a dita de forma coloquial, ou seja, usando-se uma linguagem simples, em geral oralmente, com textos resumidos e informais. Uma frase coloquial pode conter erros gramaticais (uma ou mais palavras não estão na linguagem padrão), mas costuma ser falada por qualquer pessoa, não importa o seu nível social.

É comum, na fala, haver situações de informalidade, em que a preocupação com a chamada norma padrão – ou formal - praticamente fica de lado, já que pequenos desvios ou termos informais marcam a descontração que caracteriza essas situações. Mas, como exemplifica Camacho (2011), é necessário respeitar os momentos adequados para a utilização da linguagem de acordo com o contexto, pois é importante adotar uma postura mais formal - e, portanto, mais afeita à norma padrão - em algumas circunstâncias em que nos expressamos oralmente.

Um professor universitário, por exemplo, pode pôr-se às voltas com pelo menos três diferentes situações linguísticas: no restaurante universitário, conversando banalidades com seus alunos; na sala de aula, exercendo sua profissão; e no auditório, dando uma palestra. É óbvio que, conforme aumenta o grau de formalidade dessas diferentes circunstâncias, maior é o uso de variantes-padrão. Assim, na situação de conferencista, não soaria adequado o emprego de cê,



por você, por exemplo, de tá, por está, perfeitamente plausíveis na conversa informal do restaurante universitário. (CAMACHO, 2011, p.41).

De acordo com Bagno (2007), “[...] nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”. Situação semelhante ocorre com a linguagem verbal escrita. Contrariamente da oralidade, a língua escrita tende a aproximar-se mais da norma culta, pois é geralmente utilizada em situações formais. Porém, isso não exclui textos informais, em que a obediência às regras impostas pela norma padrão não é a preocupação maior de quem escreve. Além disso, segundo Bagno (2007), “Esta relação complicada entre língua falada e língua escrita precisa ser profundamente reexaminada no ensino”.

Aspecto importante a se destacar é, segundo Camacho (2011), “[...] a forte vinculação entre a variação sociocultural e a estilística”, como mostram os exemplos, a existência da divergência em relação ao grau de formalidade da língua, podendo facilmente chegar à escrita, na qual se deve adequar ao contexto em que o falante está inserido no ato do discurso.

2.2 A linguagem informal no gênero digital *chat*

A produção e a circulação de textos na Internet trazem desafios para a educação formal das novas gerações. O que se precisa entender é que essa forma de escrita acontece em um suporte específico (o computador) e tem configurações diferentes conforme a ferramenta (processador de texto, MSN, e-mail, Facebook, Twitter, etc.) que é utilizada.



Em outras palavras, os gêneros textuais nascem para atender a essa diversidade de condições físicas, emocionais e econômicas que pressionam o usuário da língua a utilizá-la de uma certa forma e não mais de outra. A internet como um microcosmo virtual do mundo real reflete essa pluralidade de contextos comunicacionais, e, dessa maneira, oferece as condições sócio-técnicas para a emergência de novos gêneros textuais e formas alternativas de utilização das convenções da escrita. (XAVIER, 2005, p.7)

A escrita utilizada para comunicar-se no *chat* é informal e traz todas as características da diversidade e variabilidade do português falado no Brasil. Ou seja, os traços de idade, origem geográfica, situação econômica e escolarização aparecem explicitamente nas conversas nas salas de bate-papo, no MSN, etc.

No *chat*, gênero digital muito usado no nosso dia a dia, é importante destacar algumas características peculiares a este gênero. Primeira delas refere-se ao tempo, na qual a conversa - feita simultaneamente - promove a interação e a dinamicidade da comunicação. Nesse gênero digital, a sequência de sinais é a modalidade informal da língua escrita, já que as palavras são abreviadas e as regras ortográficas, tais como a pontuação e acentuação, não são respeitadas, para que haja uma maior rapidez na troca de mensagens.

Cada um dos gêneros demanda uma forma específica de usar a escrita, pois nem todo gênero textual precisa ser formal e utilizar a norma padrão da língua. Um bilhete a um amigo requer o uso mais informal da escrita tanto na estrutura sintática quanto na escolha do léxico pela relação de simetria hierárquica que há entre eles. No bilhete pode-se reduzir palavras e usar um termo mais coloquial por causa da proximidade dos interlocutores e da natureza do tema



discutido. Da mesma forma é natural que, numa palestra, o palestrante procure aproximar sua fala da norma padrão da língua por causa da situação acadêmica do evento que ocorre em uma instituição ritualística como uma universidade. (XAVIER, 2005, p.7)

É preciso lembrar sempre que a ortografia é artificial, uma decisão política, e que a língua é natural. Portanto, na Internet, estamos sempre utilizando a língua. A ortografia oficial é necessária para que todos possam ler e compreender o que está escrito.

Logo, cabe ao professor mostrar isso ao seu aluno com atividades práticas, de preferência utilizando o ambiente informatizado da escola. Ele tem de mostrar ao estudante que produzir textos é se comunicar e que cada gênero textual exige uma configuração particular, ou seja, deve estar adequado ao lugar, contexto e interlocutor. Aquele professor que insiste em não refletir sobre as práticas culturais específicas surgidas de necessidades diferenciadas nas sociedades do mundo contemporâneo com certeza não conseguirá trabalhar isso com seu aluno.

Dessa forma, é normal acharmos que nos bate-papos na Internet teríamos de usá-la também. Mas, quando empregamos esses recursos, estamos simulando situações de fala e, por isso, é normal que, em vez de *beijo*, eu escreva *bjo*, *bj* ou *bjv*. O ideal é que, em nossas aulas de Língua Portuguesa, devemos utilizar metodologias que mostrem aos alunos que a linguagem deve ser usada nas diversas situações comunicativas.

3. O Uso de *emoticons*

Forma de comunicação paralinguística, um *emoticon*, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado de *smile*) é uma sequência de caracteres tipográficos ou, também, uma



imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Exemplos: :) (isto é, sorrindo, estou alegre); :((estou triste, chorando), etc. Normalmente é usado nas comunicações escritas de programas mensageiros, como o *MSN Messenger* ou pelo *Skype* e outros meios de mensagens rápidas, como o *Facebook Messenger*. Costuma-se usar um *emoticon* em demonstração de ironia ou descontentamento com alguma atitude, tal como ciúmes ou sentimentos semelhantes.

No capítulo anterior, foram abordadas as questões inerentes ao uso da linguagem formal e informal, baseando-se no contexto do uso, levando-se em consideração os conceitos de formalidade e informalidade, além de frisar o uso da informalidade no gênero digital *chat*. Neste capítulo, pretende-se esclarecer a definição dos elementos paralinguísticos, além de fazer uma análise sobre seu uso no gênero *chat*, finalizando com uma análise sobre o ensino de Língua Portuguesa, em relação a este tema.

3.1 Elementos paralinguísticos

A comunicação tem uma série de elementos envolvidos e não apenas elementos verbais. Componente não verbal, junto com o componente verbal constitui comunicação, e é composto pelo que dizemos (palavras), a forma como nós dizemos (paralinguagem) e a forma como nos movemos (cinética).

Em toda a comunicação oral se reconhece, além de um componente puramente verbal, uma grande heterogeneidade de elementos não verbais: elementos paralinguísticos. Embora não haja unanimidade em sua classificação, seriam elementos não verbais que, dentro de uma situação comunicativa, são portadores de significado no desenvolvimento da conversa. Por exemplo, se um emissor balança a cabeça em sinal de afirmação, tal movimento é um elemento paralinguístico, enquanto que se for causada por um tique nervoso, não é considerado como tal.



Elementos paralinguísticos são essenciais para uma comunicação eficaz; sem eles, muitas vezes, esta seria impossível. Em uma narração, explicação ou discussão, pode-se perceber a importância de como o que é dito é expresso por tais elementos para fins de comunicação. São os elementos não linguísticos, como o rir, o chorar, o gesticular, a mímica, etc. que fazem parte da comunicação e da mensagem verbal que o rosto acompanha. Textos escritos também podem empregar os elementos paralinguísticos, pois servem para enfatizar as mensagens. Outros elementos paralinguísticos são: o silêncio, o ruído, as vozes das diferentes personagens, a música.

Esse recurso expressivo da paralinguagem tem como função mostrar a emoção do locutor, além de enfatizar o que ele diz. No *Messenger*, essas funções realizam-se, em especial, por meio dos *emoticons*.

Esses elementos suprasegmentais e os segmentais são bastante usados e importantes, pois complementam espaços vazios em diálogos, ao diminuir possíveis inconsistências – os maus entendidos - e trabalham de modo a deixar o diálogo mais coerente com as reais intenções do falante. Por essas razões, os *emoticons* são bastante utilizados em *chats*, por cumprirem essas funções.

3.2 O uso de *emoticons* em *chats*: algumas análises

A expressividade faz parte do nosso cotidiano e não está restrita ao mundo literário. Fazer bom uso dos seus meios garante, além da coerência, inteligibilidade à interação social. Para preencher essas lacunas em nos *chats*, existem muitos recursos, como o emprego de maiúsculas (uso do *Caps Lock*) para indicar gritos ou alegria (momentos de euforia), a repetição de letras para reproduzir os alongamentos da fala ou os gritos, os *emoticons*, a *webcam*, etc. Storto afirma que nos comunicadores instantâneos, “[...] essas informações suplementares, paralinguísticas, obviamente se perdem: o recurso dos *emoticons* e dos códigos particulares representam uma tentativa de preenchimento das lacunas existentes na comunicação”



Em um diálogo no *chat* do *Facebook*, por exemplo, o uso dos *emoticons* expressariam as emoções dos interlocutores, complementando o discurso, deixando mais próximo do diálogo cotidiano.

1. - Elias Coelho: Oi!!!! 😄

- Aline Malta: oi... 😞

- Elias Coelho: o que foi? 😟

- Aline Malta: Tô dodói... 🤢

2. - Aline Malta: Boa noite, Elias! :D

- Elias Coelho: Boa noite, line... :)

3. **Figura 1:** emoticon



Fonte: www.facebook.com




No diálogo 1, os interlocutores recorrem aos *emoticons* do *smile* para expressar as emoções, porém, é utilizado como um complemento à conversação, ou seja, há o diálogo expresso pela linguagem verbal oral, como “Oi!!!!”, “oi...”, “o que foi?”, “Tô



dodói”, “Vc vai ficar bem! Te cuida, tá?” e “Valeu!”, seguido dos *emoticons* (elementos paralinguísticos), reforçando a ideia transmitida pela linguagem verbal escrita.

Vale salientar, também, que muitos usuários recorrem às letras do teclado – seja de um computador ou um smartphone – para expressar seu estado de espírito, como ocorre no diálogo 2. Já no diálogo 3, observa-se o uso do *emoticon* “gato dormindo” (Figura 1) para expressar sono, cansaço ou uma forma de informar ao outro a possibilidade de sair do *chat* para dormir. Esse *emoticon* tanto expressa a sensação (sono, cansaço) como também expressa a ação (dormir).

Os *emoticons* podem também ser usados em diversos contextos, mudando o sentido, dependendo da situação ao qual o locutor se insere.

 - Este *emoticon* foi criado especialmente para o *Facebook*, sendo hoje sua imagem mais importante e representativa. Significa “curtir”. Também é usado em situações afirmativas.  - O coração simboliza o amor, o carinho.  - A face do diabo representa maldade. Porém, nesse gênero digital *chat*, esse *emoticon* pode suavizar a ideia de maldade – uma vez que esta imagem não é repugnante ou agressiva.

Enfim, os *emoticons* não são apenas desenhos expostos nos diálogos em redes sociais no mundo digital para enfeitá-las, mas, ao contrário do que se possa imaginar, eles são carregados de significados, e significâncias, dotados de poder argumentativo e expressões (emoções), podendo causar os mais diversos efeitos de sentidos nos textos em que estão inseridos, com o poder de substituir expressões, jargões, gírias, sentimentos, ideias e palavras em geral.



3.3 *Emoticons*, informalidade e ensino

Com a chegada de novas tecnologias e, principalmente, o frenético uso de redes sociais, há a necessidade de uma nova conduta dos educadores, a fim de utilizar essas novas ferramentas em sala de aula, tornando-as aliadas ao processo de ensino-aprendizagem. É imprescindível, diante disso, obter conhecimento acerca dessas novas tecnologias, utilizando-as não apenas como apoio metodológico, mas desenvolver novas formas de ensino.

Para Lévy (2012), o professor na era da cibercultura tem que ser um arquiteto cognitivo e engenheiro do conhecimento; deve ser um profissional que estimule a troca de conhecimentos entre os alunos; que desenvolva estratégias metodológicas que os levem a construir um aprendizado contínuo, de forma autônoma e integrada e os habilitem, ainda, para a utilização crítica das tecnologias.

Os *emoticons* são usados em contextos em que se exige o uso da linguagem informal, mas acentua essa informalidade, gerando uma ideia de maior interação ou aproximação entre os interlocutores. Na escola, o professor de língua portuguesa deve orientar o aluno em relação ao uso adequado da linguagem, respeitando o contexto. O equivalente ocorre em relação ao uso de abreviações e *emoticons*.

Os *emoticons* não são elementos de informalidade, são paralinguísticos, isso significa que eles são desenhos utilizados para expressar emoções ou reforçar uma ideia, sentimento, ação. Porém, é importante frisar o papel exercido pelos *emoticons*, assim fica esclarecido que os mesmos são utilizados em contextos de informalidade, deixando o diálogo mais acolhedor.

Além disso, pode-se realizar diversas atividades interativas utilizando os *emoticons*, como por exemplo, ensinar o que é linguagem verbal e não verbal, utilizando esses elementos paralinguísticos. As possibilidades são muitas: interagir com os *emoticons* existentes; traduzir verbalmente o sentido de *emoticons*; como usar adequadamente *emoticons*; produzir textos com *emoticons*. Pode-se usar o método da



encenação improvisada; associação de *emoticon* e significado; conversa espontânea via *Messenger*; discussão coletiva oral.

Sendo assim, fica esclarecido que o papel dos *emoticons* no *chat do Facebook*, na construção da aprendizagem sobre a formalidade e informalidade da língua portuguesa, é de compreender que a informalidade está presente no contexto em que os interlocutores se encontram, podendo haver comunicação informal sem o uso de *emoticons*. Enfim, é possível repensar uma nova forma de se ensinar língua portuguesa.

Considerações finais

Nas aulas de língua portuguesa, as atividades pedagógicas devem estar relacionadas aos novos gêneros textuais. Além disso, os educadores precisam encarar o desafio do aprendizado e do uso das tecnologias educacionais, principalmente em relação ao uso de redes sociais, além de se prepararem para essa nova realidade – no qual deveria iniciar desde a formação do professor, durante sua graduação –, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los nas salas de aula.

O uso de *chats* faz com que os alunos possam interagir mais e levar para a sala de aula suas vivências do ciberespaço. Tanto o educador quanto o aluno devem considerar que as variações existem, em todos os aspectos, e devem ser analisadas e discutidas em sala de aula, como o uso de *emoticons* – sendo este o foco desta pesquisa.

Os *emoticons* assumem grande importância para os novos instrumentos de comunicação, em especial para os comunicadores instantâneos, como o *Facebook Messenger*, atuando como um elemento portador de sentido – uma vez que servem para expressar emoções no ciberespaço.



Tendo em vista as dificuldades de leitura e produção textual, este trabalho corrobora com a ideia de levar à sala de aula as tecnologias, de modo a ajudar no processo da aprendizagem. É possível, sim, construir práticas que consolidem a relação indissociável entre educação, linguagem e tecnologia, criando novas aulas em sintonia com as demandas da sociedade. Mais do que isso, aulas que promovam a interatividade nos ambientes de aprendizagem e, conseqüentemente, criem novas formas de construção de sentidos.

Referências Bibliográficas

BAGNO, M.. **Preconceito Linguístico** – o que é, como se faz. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

CAMACHO, R. G.. **Norma culta e variedades linguísticas**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

LÉVY, P.. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34,1993.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Texto da Conferência pronunciada na **50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo**, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

SILVA, I. M. M.. **Gêneros digitais: navegando rumo aos desafios da educação a distância**. Estudos em Educação e Linguagem, Recife, vol.1, n.1, p. 125 – 143, 2011. Disponível em: <<http://alfabetizarvirtualtextos.wordpress.com>> Acesso em 20 de agosto de 2013.

STORTO, L. J.. **Emoticons: adereços às conversas virtuais?**. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br]. Acesso em 29 de agosto de 2013.

XAVIER, A. C. 2005. **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da Internet**. Disponível em: < <http://www.ufpe.br/nehte/artigos.htm> > Acesso em 22 de agosto de 2013. <http://www.facebook.com>.